



Estudos de Literatura Brasileira

Contemporânea

ISSN: 1518-0158

revistaestudos@gmail.com

Universidade de Brasília

Brasil

Grünnagel, Christian

"Ir aonde ninguém quer ir": entrevista com Ana Paula Maia

Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, núm. 45, enero-junio, 2015, pp. 351-371

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323138448020>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

“Ir aonde ninguém quer ir”: entrevista com Ana Paula Maia

Por Christian Grünнagel¹

O que significa ser homem ou ser mulher para você?

Essa questão do gênero, eu acho muito bem definida. Em termos de gênero, acho que mulher e homem são duas coisas muito diferentes, mas que se completam. É uma visão, até certo ponto, romântica, mas acho que bastante verdadeira também. Eu acho que nesta minha concepção social do homem e da mulher, eles são dois gêneros muito diferentes que percebem as coisas de uma forma diferente, que sentem diferente, que reagem diferente e que se completam.

E como é que se completam na prática social?

Completam-se na cama, para construir família, nas carências de um e de outro. O homem tem certas carências que a mulher supre e a mulher tem certas carências que o homem supre.

Li uma entrevista sua em que você diz: “Queria ser um brutamonte. Se eu fosse homem, seria um brutamonte”.² Então: o que julga atrativo na ideia de ser homem? E por que um brutamonte?

Porque eu gosto dos brutamontes.

Eles têm liberdades que uma mulher normalmente não tem?

Eu lembro que quando eu era adolescente e saía com as minhas amigas para um *show*, para um lugar em que não tinha banheiro, a gente falava assim: “Ai que inveja dos homens!” Os homens iam para qualquer lugar e faziam xixi em pé, no poste, e a gente tinha que entrar em um banheiro bastante fedido, fazer xixi meio inclinada. Então, pensava nesses momentos: “Ô, que liberdade ser homem!” Em relação à sua pergunta

¹ Doutor em letras românicas e professor do Instituto de Filologia Românica da Universidade de Giessen, Giessen, Alemanha. E-mail: christian.gruennagel@romanistik.uni-giessen.de

² Entrevista realizada em agosto de 2011 por Rogério Pereira, pelo jornal *Rascunho*, disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/ana-paula-maia/>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

anterior: acho que, se eu fosse um homem, eu seria um brutamonte. Não um brutamonte sujo, não um brutamonte deselegante totalmente, mas seria. Eu vejo uns homens assim e eles me atraem. Acho que eu queria ser um destes homens que me atraem, se eu tivesse de escolher ser um homem. Ele tem uma liberdade que eu não tenho. Por exemplo, os homens têm condições de fazer certas coisas que eu não posso fazer, porque sou limitada fisicamente. A mulher tem uma condição mais limitada mesmo. Uma mulher na TPM [tensão pré-menstrual] é uma situação esquisita! Você muda completamente a maneira de ver o mundo. Eu choro, eu não gosto nem de escrever quando estou nesse estado. Eu sinto que, quimicamente, fico alterada, de modo que a minha percepção fica um pouco estranha. Já o homem, eu acho que não tem estes dias na semana em que fica alterado. Existe uma diferença química que me atrai e de que gosto muito. Portanto, se eu fosse um homem, eu seria um brutamonte. Faria uma parede, dirigiria um caminhão. Acho lindas estas coisas, mas eu jamais faria como mulher.

Você crê que há uma predeterminação na maneira de pensar do homem e da mulher?

Acho que sim. Não tenho a menor dúvida.

Essa predeterminação depende da cultura?

Muda com a cultura, mas se notam semelhanças no homem e na mulher em qualquer lugar. Quanto mais eu viajo, dentro e fora do Brasil, eu vejo semelhanças. Na verdade, as mulheres querem as mesmas coisas e os homens também. Isso ocorre em qualquer lugar. Muda-se a cor, muda-se o tipo de cabelo, muda-se o tipo físico, mas está tudo ali.

Quer dizer que, para você, a sociedade não tem um papel importante nesse contexto?

Ela tem um papel importante nessa formação, mas eu percebo que mulher e homem são duas coisas diferentes e a gente já nasce com impulsos. Impulsos para pegar e brincar com uma boneca. A mulher sonha em se casar desde pequena. Eu nunca conheci uma mulher que falasse: “Eu nunca sonhei em me casar quando brincava de boneca, eu só pensava em ser médica”. Eu me lembro de ver todas as novelas quando

era criança. Eram novelas mais leves. Hoje em dia, as novelas são muito vulgares. Eu me lembro que queria me casar com o protagonista. Eu já tinha aquela coisa de casar desde os cinco anos de idade. É uma parte cultural, mas era algo que me aquecia o coração, animava a minha alma.

Você acabou de dizer que, quando viaja, vê muitas semelhanças no mundo entre homens e mulheres. Aqui na Alemanha, por exemplo, você nota alguma diferença em comparação com o Brasil?

Eu tive mais contato com as mulheres. Foi com a minha tradutora com quem eu mais conversei. Ela, por exemplo, não tem absolutamente nenhuma diferença das minhas vontades, dos meus anseios. Não acredito que isso se deva ao fato de se tratar de uma cultura ocidental, pois imagino que a cultura oriental também deva ser bastante semelhante. O que eu pude perceber sobre os homens é o que, no mundo, há homens, mulheres e homossexuais. Eu vi muito homem homossexual, por exemplo, em Berlim. Vi muita mulher vestida de homem. Eu tinha que olhar três vezes para confirmar se era uma mulher.

Você diria então que há três gêneros: homem, mulher e homossexual?

Não, eu só diria que há dois. Esse terceiro é estranho para mim. Mas vi muito aqui em Berlim. A homossexualidade feminina tem crescido muito no mundo todo. No Brasil, já há bastante. É preciso olhar três vezes para identificar, porque elas se vestem como um homem, cortam o cabelo e se tornam homens. É possível perceber porque se nota um pouco de peito em algumas, porque elas amarram muito, mas algumas, não. Os homens não necessariamente se vestem como mulher. Não se vê tanto travesti na rua.

Atualmente, como está a situação dos homossexuais no Brasil?

No Brasil, existe muita discussão, há muitas passeatas e muitos problemas em relação a isso, que findam por repercutir na mídia, a qual também incentiva muito, dando mais abertura para a discussão. As novelas, por exemplo, colocam, cada vez mais, figuras gays. A maior parte dos telenovelistas é gay, e quem não é simpatiza com os gays. Isso tem sido muito estimulado. Eu acho que deve incomodar até mesmo alguns gays, que devem falar: “Nossa, eu não aguento mais ver tanto gay.” É gay casando, é gay adotando filho, é gay alugando barriga, é

muito assim. Está demais mesmo. O casamento não foi liberado ainda. Existe união estável, mas também querem se casar segundo o figurino tradicional, vestindo-se de noiva.

Sobre isso houve também uma discussão na Alemanha.

Na França, também houve um problema sério e com conflitos. Eles não aceitam e eu também não. O homem quer se vestir de noiva! Ele já tem a legalidade perante a justiça, já tem a união estável, mas quer se vestir de noiva. Eu não concordo. Eu nem falo muito desse assunto, porque eu seria bastante polêmica. Assim, eu não toco nessa questão em lugar algum. Eu só expus, mais ou menos, a realidade do meu país e de alguns outros. A França recentemente teve um problema. Teve uma movimentação grande. No Brasil, também há essa grande resistência. Não sei se, aqui, na Alemanha, também há.

Há menos resistência na Alemanha, mas há no governo conservador.

O governo é resistente, mas eu acredito que essa resistência vai durar um tempo só. Não vai ser mais possível resistir. Acho que, em algum momento, querendo ou não, isso vai ser aberto. De alguns anos para cá, a abertura foi muito grande. Eu vi isso no meu bairro. No bairro onde eu moro, eu vi uma proliferação assim, triplicou, quintuplicou em pouquíssimo tempo. É estimulado hoje pela mídia inteira, pelo cinema, pela propaganda da Triton. Está sendo estimulado por todos os lados. Por isso, as meninas e meninos de doze anos já são gays de forma assumida. Em vez de estarem brincando de boneca, meninas de 12, 13 anos estão se beijando, andando de mãos dadas, namorando uma outra menina. Eu não entendo esta sociedade.

Na sua obra, aparecem muitos homens. Você trabalha de forma diferente quando cria um personagem masculino ou feminino?

Meu processo de escrita fala muito até onde eu chego com estes personagens. O que me move a escrever é sempre a história do outro. Eu sou muito imaginativa. Eu não gosto muito da minha realidade ou da minha vivência para escrever. A minha condição, eu acho muito feminina, eu acho o meu quotidiano muito sem graça. Gosto dele, ele é burocrático, doméstico, tem de tudo um pouco, mas absolutamente nada

de interessante. Quando eu quero escrever, quero ter a possibilidade de fazer outras coisas, ser outras pessoas ou, ao menos, estar com elas. Eu não sou outra, mas estou com os outros. Eu não chego a me colocar no papel do personagem de forma alguma. Eles são exteriores a mim, mas estou com um bando. É como se fosse uma alcateia com vários lobos, no meio da qual estou caminhando. E os lobos são estes homens, os personagens. Este é um ponto. Se eu escolho passar um tempo com alguém ou se eu escolho viajar, penso: com quem prefiro fazer uma viagem longa? Com alguém de quem gostaria mais ou com alguém de quem gostaria menos? Então eu fico com o grupo de que eu gosto mais. Gosto dos personagens masculinos e sempre gostei de ficar perto dos homens, desde pequena. Sempre me senti mais acolhida. Eu sempre tive uma ou duas amigas muito próximas, mas o resto sempre foi homens.

E isso também acontece na sua literatura.

Há lugares, na literatura, nos quais eu não consigo entrar sem certos personagens. Eu gosto de escrever sobre ambientes mais difíceis de entrar, onde eu jamais me viraria sozinha.

Junto aos bombeiros, por exemplo, ou na mina?

Sim. São lugares especificamente para homens. Quando eles entram, eu posso entrar com eles. Não sou eles, entro *com* eles. Quando eu estava escrevendo meu último livro,³ essa experiência foi muito marcante, porque eu estava já há alguns meses tentando escrever essa história e não conseguia. Ela não estava saindo bem. Eu fazia muitas anotações, mas não conseguia entrar na história, embora a imaginação desse livro estivesse na minha cabeça. Estava muito impregnada das anotações e pela pesquisa. Nesse momento, eu trouxe o Edgar Wilson, que era só um conto. Peguei-o como uma pessoa importante, recorrente. Quando o coloquei, consegui entrar no matadouro, o que não tinha conseguido fazer antes. Na época em que escrevi esse conto, no ano passado, ele foi publicado em uma revista que é editada pela Academia Brasileira de Letras, a revista *Brasileiros*.⁴ Agora ela foi editada pela *Die Horen*.⁵ Quando

³ MAIA, Ana Paula (2013a). *De gados e homens*. Rio de Janeiro: Record.

⁴ MAIA, Ana Paula (2011). De gados e homens. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 17, n. 68, p. 229-234, jul./set. Disponível em: <<http://goo.gl/MEmYPf>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

⁵ MAIA, Ana Paula (2013b). Von Vieh und Mensch. *Die Horen*, Taucha, v. 58, n. 251.

o escrevi, pensei: "Achei!". E não parei mais de escrever. A imagem masculina, para mim, desde que eu era muito pequena, sempre me passou uma sensação - isso é uma coisa pela qual que as feministas devem querer me matar - mas, desde criança, me dá uma sensação de proteção, de confiança, de segurança. Eu lembro que eu olhava para o diretor da escola com um certo temor e eu gostava disso. Os homens exercem uma autoridade de que eu gosto, mas isso é uma coisa muito íntima. Isso se reflete na minha vida e na minha literatura. Não, homem não me maltrata. Não gosto de ser submissa ou ser pisada por um homem. Se um homem pensar em levantar a mão para mim, eu já dei uma rasteira nele, já o botei para correr com uma vassourada na cabeça. Mas eu digo que tem uma autoridade ali que faz bem e eu gosto dessa relação de poder. Isso pode ser uma coisa que seja bastante social, que não foi incutido em casa. Minha mãe nunca foi uma mulher submissa ao meu pai, por exemplo. Não sei de onde veio, mas eu gosto dessa coisa.

Você gosta de um poder masculino benéfico, digamos?

Sim, gosto. Mas é uma coisa também muito sensual, muito sexual. Isso acaba se refletindo no livro, apesar de eu não ter uma relação sexual de olhar para os meus personagens e dizer que eu tenho desejo. Não é isso, mas sei que, por trás disso, existe algo bastante sexual, pois eu tenho ciúme demais, tenho muito apego a eles. Daí o fato de eles não se envolverem com nenhuma mulher nos livros. Não consigo deixar. Eu não sei se isso é muito ligado à sexualidade, se ao fato de ser uma mãe judia, muito protetora, ou porque sou uma mulher histérica, muito ciumenta. Isso é o meu problema de não liberar o personagem para se apaixonar. Quando se apaixona, ele quebra a cara. A minha feminilidade é a minha relação com ele, que é muito possessiva. Não tem nenhuma mulher por perto dele. Eu nunca me dei muito bem com as mulheres. É sempre uma coisa que eu observei: havia dois grupos, o das meninas e o dos meninos. Eu estava no grupo das meninas, mas a conversa ia ficando chata e eu ia andando para o lado. Em pouco tempo, eu estava com os meninos, dando altas gargalhadas. Eu os acho mais divertidos, menos preocupados, menos cismados. Eu já sou uma mulher muito paranoica, como a maioria das mulheres são. Estar com outra mulher só potencializa isso em mim. Estar com os homens é ótimo, é tranquilo, o mundo fica mais cor-de-rosa,

mais alegre. Por exemplo, eu vejo minha mãe e meu pai. Meu pai está todo tranquilo, mas minha mãe, para sair, demora horas se arrumando.

A socióloga australiana R. W. Connell afirma que há vários “projetos” de masculinidade. Ela fala de masculinidade no plural: “masculinidades”.⁶ Acha que há também vários tipos de masculinidade no Brasil? Em que se distingue a masculinidade de um homem da classe média da de um homem da periferia ou da favela?

Existe uma diferença, mas eu não sei se é, por exemplo, tão diferente quanto a da Alemanha. Acho que o homem da classe média tem mais acesso à cultura e estudo. Ele vai ser geralmente um homem mais refinado, mais educado, vai falar mais corretamente.

Seria um machismo mais refinado?

Sim, é possível. Um homem mais pobre vai ser mais simples. Talvez por exercer determinadas atividades, ele não vai se preocupar tanto com a aparência. Por exemplo, um homem que trabalha em um escritório ou em uma multinacional tem que estar muito alinhado, já um homem que trabalha em um determinado emprego não se preocupa muito com a aparência. Isso pode mudar se ele muda socialmente. Mas se ele ficar naquela condição, às vezes, ele nem se importa muito.

Quer dizer que a masculinidade depende da sociedade?

Depende do meio social também. Eu acho que isso influencia os homens até mais que as mulheres. Acho que as mulheres são até mais próximas em alguns pontos.

Você acha que uma mulher mais pobre e uma mulher mais rica têm mais em comum?

Eu acho que têm mais pontos em comum. Principalmente ligados ao relacionamento e à preocupação com a educação dos filhos. Mãe geralmente se preocupa de uma forma muito parecida. Entre as mulheres em si, eu não vejo tantas barreiras sociais. Já nos homens, um

⁶ Para mais detalhes sobre o enfoque teórico de Connell, veja-se a apresentação deste dossier.

pouco mais. Acho que um homem pode estranhar outro homem. O homem tem um sentido territorialista. Por isso que o cachorro macho faz xixi em determinados pontos para determinar o seu território. O homem é territorialista, gosta de ir à caça. Uma mulher que dá muito fácil para o homem o faz pensar assim: "Ah, foi muito fácil". Isso é fato! Pode até dar certo esse relacionamento, mas é fato que o homem gosta de uma coisa mais difícil, porque ele é o caçador na história. O papel do homem, na nossa sociedade atual, está um pouco balançado. O homem está muito idiotizado na sociedade.

É pelo feminismo?

Não sei se é pelo feminismo, mas estão botando os homens em um papel mais idiotizado. Eu acho que o homem está começando a perder muito da referência. As mulheres atacam mais, avançam mais neles. Eles perdem aquela coisa de chegar. Não em termos de igualdade, de trabalho ou de salário, mas eu acho que está se perdendo mesmo. O homem fica em casa e a mulher sai para trabalhar. A mulher está virando caçador e o homem está virando a dona de casa. Vai ter muito homem com problema de identidade, em relação ao seu papel de homem. A mulher é multifacetada, faz 500 coisas ao mesmo tempo. Por quê? Porque foi feita para isso mesmo, pela natureza. Ela cuida de três filhos, ela dá conta do almoço. A roupa está batendo na máquina e ela tem que botar no varal. Ela está ao mesmo tempo fazendo a lista para o supermercado, vendendo o dever do mais novo, ajeitando a mochila do filho do meio. Tem que atender o telefonema do marido que está trabalhando e pediu para ela fazer não sei o quê. Ela ainda está vendendo as contas que vão vencer ali naquela semana. A mulher faz isso tudo e muito rápido. É muito comum. O homem trabalha, mas quando quer dinheiro, pede à mulher. Eu tenho um casal de amigos que protagonizou uma cena muito engraçada. Um dia, eu cheguei na casa deles e ela falou assim:

- Ô, fulano, você tem que tirar foto!
- Mas onde é a foto que eu tenho que tirar?
- Em tal lugar.
- Cadê o dinheiro, amor?
- Toma aqui.

Ele não sabe fazer nada sem aquela mulher, entendeu? É um casal jovem e ele não sabe fazer nada sem ela. Ela sabia onde era para tirar foto, onde estava o dinheiro e você vê que isso funciona bem. Homem é mais avoado, mais atrapalhado.

Você não acredita que os homens e as mulheres possam aprender esses papéis sociais?

Eu não acredito, não. Acho que não, eu convivo com homem demais. É um negócio biológico, tem hora que dá até um nervoso e penso: "Ai, meu Deus, que nervoso! Estes homens poderiam ser menos porcos! Olha só este banheiro como é que está? Cheio de pelo espalhado desse homem! Quero dividir o apartamento com uma mulher, é mais limpinho, mais organizado." Homem é muito descansado, mesmo de classe média. A mulher olha rapidamente e vai arrumando as coisas. O homem não está nem aí. Deixa tênis jogado, usa meia com aquele chulé! Ai, meu Deus! Eu fico até com dor de cabeça! Nesse ponto eu sou chata. Eu tento não ser chata, mas eu sou, como toda mulher, porque a gente repara, vê além. O homem está aqui, vendo aqui e a mulher já viu lá em baixo. O homem está todo tranquilo, todo sossegado. Eu acho isso bom. Imagina duas mulheres juntas. Por isso que uma das homossexuais tem que adotar o papel do homem, porque duas mulheres juntas geraria histeria. Já imaginou duas juntas na TPM, loucas e com psicose de arrumação?

Quer dizer que a masculinidade é necessária também numa relação homossexual entre mulheres?

Você não vê isso? Eu vejo muitas meninas assumirem o papel de homem, inclusive fisicamente e quanto aos defeitos. Da mesma forma, há homens que também assumem o papel da mulher, se tornando mais organizado. Às vezes, ele não tem uma aparência feminina, mas você vê que ali na casa é um casal. Um é mais homem e o outro é mais mulher. Um é mais atento, organiza, é o que faz a jantinha, é mais organizadinho e o outro é o mais homem.

*Mudando de assunto, passemos para a literatura. No seu romance *Carvão animal*,⁷ os protagonistas são todos homens. Um bombeiro, um funcionário*

⁷ MAIA, Ana Paula (2011). *Carvão animal*. Rio de Janeiro: Record.

do crematório etc. As mulheres quase não aparecem, só uma vizinha, uma senhora já mais madura. No final, há ainda uma mulher mais jovem, a Marissol. As mulheres estão quase excluídas da cidade fictícia Abalurdes. Assim, pergunto: onde estão as mulheres de Abalurdes, trabalham em quê? Onde estão neste mundo?

Eu não faço a menor ideia das mulheres de Abalurdes. Nem de Abalurdes, nem das outras partes dos outros livros. A resposta é um pouco de tudo aquilo que já falei sobre minha relação com o masculino, para a qual concorre uma perspectiva cultural que consumi. Por outro lado, existe um ponto que, para mim, é muito caro, isto é, o distanciamento. Eu não consigo escrever sobre o meu mundo. Se eu tiver que refletir sobre mim mesma como mulher, dentro do âmbito literário, eu não consigo. Posso refletir aqui, em um âmbito mais social, mais político. Por exemplo, eu posso falar bastante da feminilidade, eu gosto de falar do assunto, mas em um âmbito informal, mas não na literatura. Se me convidassem para falar deste tema, eu ia ficar horas falando e gosto de falar dessa condição. Todavia, dentro da ficção, eu assumo um outro papel, que não é o meu papel como mulher. Eu tenho um papel muito mais individual. Quando eu estou escrevendo, a minha percepção como mulher, eu não sei se ela está ali o tempo todo presente, mas é uma percepção que eu tenho das coisas mais ampliadas. Dentro daquele aspecto em que eu estou narrando, eu mesma consigo perceber com certo distanciamento onde estão esses pontos em que detecto muita feminilidade, que é o meu ciúme pelos meus personagens. Eu dei uma declaração nesses dias no Facebook dizendo assim: "Me perguntam sempre por que não tem mulher na minha literatura. Gente, vocês não perceberam que eu sou apaixonada por estes homens?". Sou visceral, sou muito movida por esses sentimentos e eu não poderia escrever de uma forma tão fria. É justamente isso. As pessoas curtiram, acharam engraçado e tudo mais. Concordam porque é justamente isso. Eu tenho uma relação muito íntima, muito preciosa com os meus personagens, entende? É uma relação quase como de marido e mulher. Uma relação íntima, apesar de não ser uma relação sexual. Eu não tenho tesão pelo personagem, nem conseguaria ter. Seria assim quase como um incesto. Porque ele é um personagem muito próximo, meio irmão, meio eu mesma, sei lá o quê.

Também um pai?

Pode ser também um pouco do pai. Uma manifestação dos meus demônios também. O Edgar Wilson também tem um pouco disso. Mata quem eu não

posso matar, bate em quem eu não posso bater. Ele exterioriza sentimentos meus. Ele é a própria manifestação de certas vontades minhas. Por exemplo, eu sempre digo que a mulher não é só mais assaltada mas também estuprada. O louco que chega para assaltar só pretende roubar a sua carteira, mas com uma mulher, ele rouba a carteira, estupra e mata ou só estupra. É uma condição de fragilidade. Eu não sei a realidade aqui na Alemanha como é, mas isso, no Brasil, acontece muito. Recentemente, houve uma série de mulheres estupradas, sendo que uma delas foi violentada dentro de um ônibus, durante o dia, com o motorista dirigindo. Um homem entrou para assaltar o ônibus, havia poucos passageiros, então ele pegou uma passageira e estuprou. Eu vou até o inferno e arranco a cabeça desse desgraçado com os dentes. Com o Edgar Wilson, isso nunca aconteceria. Ele exterioriza certas manifestações e incapacidades minhas. Ele nunca, jamais, estupraria. Ao lado dos meus personagens, isso também não aconteceria. Com aqueles personagens, eu me sinto segura para entrar em certos lugares da literatura. Antes de escrever, eu tenho que ir para o lugar e eu não entraria naquele lugar sozinha. Cada vez mais, as mulheres gostam dos meus textos, porque elas percebem esse resgate da virilidade, do homem que resolve problema, troca pneu, mas que é leal. A violência nunca é gratuita no livro.

Pode ser um sistema social de violência?

Sim, justamente. Na verdade, esse é o livro menos violento nesse sentido. Esse livro não é, mas *De gados e homens* já é. Mesmo assim, dentro daquele universo, isso se justifica. Ou seja, as coisas se justificam dentro da ficção. A gente tem uma empatia, um entendimento da lealdade, da coragem daquele personagem, mas dentro da ficção. Isso não é para você fazer aqui fora. Existem leis próprias neste universo do qual o livro faz parte. É um código.

A sua literatura não tem muito a ver com a literatura dita “feminina”.⁸ Você não acredita nesse conceito da escritura feminina?

Existe uma escritura feminina, sim. A gente identifica. Nesse ponto, eu tenho problema. Quando eu falo isso, muitas mulheres têm problema

⁸ Cf. o conceito elaborado pela teórica feminista Hélène Cixous em: CIXOUS, Hélène. (1976). The laugh of the medusa. *Signs*, Chicago, v. 1, n. 4, p. 875-893.

comigo, porque eu escrevo muito diferente. Eu me distancio ao máximo dessa escritura.

O narrador de *Carvão animal* é um narrador distante e anônimo. Não obstante, tive a impressão de que é um homem com uma visão masculina do mundo. Você concorda?

Sim. Quando um homem diz que escrevo como um homem, eu digo: “que bom”. Eu atingi o objetivo. Isso é um trabalho literário, é um trabalho artístico. É a mesma coisa que um intérprete cantando uma música que deu muito certo. Seria muito ruim para mim ser limitada assim, escrever só como mulher. Eu não aceitaria. Eu gosto daquilo que me gere algum desafio. Seria muito banal escrever uma história que fosse um triângulo amoroso. Para mim, o grande desafio é ser aquilo que eu não sou, ir aonde eu não posso ir, conviver com pessoas do meu imaginário.

“Ir aonde ninguém quer ir” é uma frase também do bombeiro Ernesto Wesley,⁹ não é? E parece que é também o seu projeto.

Exatamente isso! Todos os meus personagens, principalmente os meus protagonistas, têm muito de mim. Eles falam através de mim. Tem coisas que eu não poderia falar. Eu não conseguiria falar, mas eu uso a literatura para falar e nem sempre se percebe que é uma opinião pessoal. A literatura me dá essa oportunidade. Se eu escrevesse uma literatura voltada para o universo feminino, seria o universo que eu já conheço muito bem. Vivo esse universo, tenho os anseios desse universo. Eu não quero mergulhar mais em uma coisa em que eu já estou até o pescoço. Meu projeto literário realmente é um projeto que visa criar algo diferente. Eu estou criando um mundo. Eu crio uma cidade fictícia, eu crio um universo e as histórias, que têm uma continuidade. Esse livro [*Carvão animal*] se passa dez anos antes do anterior. O livro atual [*De gados e homens*] se passa dois anos depois desse, de maneira que existe um processo. Há uma ligação entre elas. O Erasmo Wagner, que aparece no final [de *Carvão animal*], é o cara que está no presídio, onde ocorre o encontro dos irmãos com o bombeiro.

⁹ “Me tornei bombeiro porque eu tinha coragem para ir aonde ninguém queria ir”, diz a personagem em *Carvão animal* (p. 56).

Ele é o vingador?

Sim. Ele, na verdade, é o protagonista do trabalho sujo dos outros, que é a novela. Ele também aparece no primeiro capítulo do *De gados e homens*, dois anos depois de ter deixado o presídio. Na verdade, eles vão voltando.

*O nome do “Edgar Wilson” aparece também em A guerra dos bastardos.*¹⁰

Edgar Wilson é o personagem mesmo da *Guerra*. Na cronologia, *A guerra dos bastardos* é a última história. Ele já é um cara mais refinado. Ele morou em outros lugares. Existe um tempo perdido da vida do Edgar sobre o qual pretendo escrever mais adiante. Existe um período de três a quatro anos da vida dele que eu não sei onde ele esteve. É um período em que ele viajou. Ele já passou por um processo do qual eu ainda não sei.

Em Carvão animal, você oferece uma visão bastante apocalíptica da vida. O homem se vê frequentemente reduzido à sua materialidade. Parece que a identidade do homem não depende de conceitos como o caráter, as faculdades mais nobres da alma, mas simplesmente do corpo. Os dentes, por exemplo, são a única coisa que resta depois do fogo e da morte, garantindo essa identidade ao homem. Você acha que se trata de um romance materialista, em um sentido filosófico do materialismo?

Eu concordo com muito com o que você fala. Eu acho que o homem se define, se distingue filosoficamente ou idealisticamente enquanto ele está vivo. A morte é o que nos iguala. Um homem morto é um homem morto e acabou, independentemente de ser um homem que comia nos melhores restaurantes, dormia nos melhores quartos do mundo e bebia os melhores vinhos, ou que fosse um homem que comesse o básico com muita dificuldade e vivesse sem saneamento básico. A ideia do *Carvão animal* foi justamente falar da morte de uma maneira diferente do que a literatura em geral faz. A morte permeia as literaturas. Digo literaturas porque são de vários lugares, de várias épocas. A morte é sempre um tema referente, um tema constante. Nas telenovelas, nos pequenos temas, nos grandes temas, amor e morte estão sempre ali presentes. A morte, mesmo aqui na Europa do século XVIII, XIX, se eu não me engano, foi muito romanceada, não é?

¹⁰ MAIA, Ana Paula (2007). *A guerra dos bastardos*. Rio de Janeiro: Língua Geral.

Sim, por exemplo, no Romantismo.

A morte era muito romântica. No século XIX, por exemplo, muitos se suicidaram quando leram a obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe,. O próprio suicídio é muito romantizado na literatura. Tem um componente metafórico da morte e do suicídio também. Geralmente na literatura, ou você perdeu alguém, ou sente a dor, ou alguém está morrendo e está contando a história, ou ainda alguém morre inesperadamente, ou já é uma perda muito antiga. Você vê a morte como sensação, eu quis tratar essa morte como matéria. Porque a morte metafísica não tem corpo. É um sentimento, uma sensação, mas quando você está tratando do corpo é uma coisa muito, muito pesada. E ao mesmo tempo muito prática. Esse sujeito que trabalha no crematório enfia o corpo dentro do forno tal como um padeiro enfia o pão para assar. Acabou o tempo, ele retira. E alguém tem que fazer isso. Eu gosto de ir nessas profissões que, de uma certa forma, mantêm a estabilidade do mundo. Alguém tem que enterrar o morto, alguém tem que preparar o cadáver. Alguém vai ter que fazer isso e quem é esse sujeito que faz isso? Alguém tem que entrar no prédio para tirar o cara que está lá preso, em chamas. Alguém tem que tirar aquele desgraçado, bêbado, que provocou um acidente e matou uma família inteira. Alguém tem que arrancá-lo da ferragem e não pode deixá-lo morrer, embora merecesse morrer. Esse é o trabalho sujo dos outros. O trabalho sujo é o desse sujeito que abate o boi para virar hambúrguer e ser comido. Você come ali, em cinco minutos, em pé, sem nem se dar conta. Você está ali falando no celular e comendo um hambúrguer. Aquele hambúrguer era um boi. Para matar um boi, você fica ensanguentado da cabeça aos pés. É um banho em sangue. Você não tem noção de quanto sangue sai de um boi, quantas vísceras são necessárias para você comer o hambúrguer ali em pé. Não interessa contar a história do sujeito que come o hambúrguer, mas do sujeito que mata o boi. Não me interessa muito contar a história de quem morreu, mas de quem vai enterrar o corpo. Na verdade, essas pessoas estão aqui, agora, na Alemanha, na Irlanda, na Rússia, no Brasil, na Índia, estão no mundo inteiro. Tudo isso que eu escrevo são profissões que existem no mundo inteiro. No entanto, as pessoas, ao menos no Brasil, não olhavam por esse ângulo. Ou você tem a burguesia, uma classe média, o funcionário público, ou você tem este âmbito, ou você tem o Brasil marginal, bandido, o cara da favela, o cara da periferia que ouve hip hop. Se você reparar, são estes os extremos lá.

Claro que hoje tem outros pontos, mas eu estou te dizendo os mais comuns: classe média ou periferia muito pobre. Eu gosto deste meio aqui. É o cara que não é bandido, não é marginal, não mora na favela. Mora em um lugar mais simples, mais humilde, que não chega a ser uma favela. Ela não está sob regime de tráfico de drogas. Não é, na realidade, uma área ou uma zona pobre, pode ser uma área mais operária, uma área de subúrbio. Esse subúrbio pode existir em qualquer lugar. Essas regiões onde eles moram são muitas vezes um lugar mais rural, geralmente onde se cria minhoca. Aqui o cara tem uma criação de minhoca no fundo de casa. No outro, o cara tem uma criação de cabras. Então você vê que tem um sentido mais rural, de um lugar menor. Mas não existe essa violência imperialista de tráfico. Isso não é um ponto em que eu estou interessada em narrar. Eu quero ficar sempre nesse homem comum, quer dizer, nas atividades que, por sua vez, mantêm a ordem. A ordem da sociedade. Trabalho sujo dos outros. Os lixeiros param de recolher o lixo por duas semanas, e aí? Ninguém recolhe mais o lixo. O que é que vai acontecer com a sua casa? Em um dia, a gente produz muito lixo, imagina em uma semana em todo um bairro, toda uma cidade? O que acontece é um desastre. Acaba a ordem, porque os lixeiros decidem “não vamos mais recolher o lixo”. E os lixos dos hospitais, que são uns lixos especiais, que não podem ser jogados ali? E os urubus, ratos e baratas que serão atraídos por isso? Isso é surreal. Afeta o pobre, afeta o rico, afeta todo mundo. Você vai ter que andar com o seu Mercedes, carro importado, no meio do lixo porque uns caras resolveram que não vão mais pegar o lixo. É sobre isso que quero falar. É nisso que eu estou focada. E era muito difícil pegar também mulheres e lançar neste universo. No meu próximo livro, já vai ter mulher. Já arrumei até as profissões delas. Vai ter uma personagem bastante central. O fim dela não é bom, coitadinha.

Mas tem protagonista homem?

Existe um protagonista homem. Não posso deixar, mas ela é uma personagem muito importante para toda a trama. É uma personagem muito rica. Pela primeira vez vou trabalhar com uma personagem muito rica. Eu estou gostando muito dela, de compor essa personagem. Tudo nela é muito controverso. No sexto livro, vai vir uma mulher finalmente.

Ao princípio, eu pensava que Carvão animal era uma denúncia do sistema capitalista, porque em toda essa cidade (Abalurdes) a ordem se mantém graças aos mortos. Ou seja, a matéria-prima, que é o homem morto, mantém toda essa sociedade. Pensava que poderia ser uma metáfora.

Isso é também. É a outra camada do livro. Isso que você falou é certo. Exatamente! Isso não é à toa. A própria morte é que revitaliza a cidade diariamente. É a energia da cidade. Isso é um projeto de uma cidade muito pequena da Alemanha.

Não sabia. Com um crematório?

Sim. Eles queriam usar o crematório para gerar energia para a cidade. Parece que as pessoas não quiseram, teve algum problema. Mas aí eu fui à frente com o projeto. Transformei o calor do crematório em energia elétrica. Aí está a outra camada. Na realidade, há várias camadas naquilo que eu escrevo. Aqui, por exemplo, existe o aspecto dessa relação do bombeiro. É um livro muito pequeno, mas com muitos aspectos. Existe essa relação de trabalhar diretamente com a morte, que é a do Ronivon, o cremador e irmão do bombeiro Ernesto Wesley. Há também o aspecto do bombeiro que salva, tanto do fogo quanto do carro. Esse sujeito que tem a coragem de ir aonde ninguém quer ir.

E sem se sentir herói.

Sem se sentir herói, porque ele é um cara completamente resignado. Não só pela história de vida dele, mas também porque acho que isso faz parte espírito dele. Claro que as perdas aumentaram isso. O outro ponto é essa questão de você criar um sistema capitalista da cidade de Abalurdes, que é conhecida como cidade da morte. A morte é o que move aquela cidade. Nesse sentido, o crematório ocupa papel de destaque na cidade. Eles atendem no raio 600 quilômetros. Inclusive há uma passagem em que o gerente do crematório está esperando um carregamento: 90 corpos procedentes de um acidente aéreo para serem cremados. Ou seja, eles lidam com a morte. Veja, esse carregamento era composto por pessoas, com vida. Eram seres humanos dos quais, no fim das contas, sobram apenas os dentes. Se você parar para pensar, não resta mais nada. Cinzas. O processo de cremação levou pessoas que leram o livro a dizer “Gente, eu não quero mais ser cremado!”. Gente que romantizava a cremação. É horrível. Você não vira cinza, se você

pensar bem. Você frita bem, vira aquele carvãozinho, depois você passa pelo liquidificador. É forte demais e é prático ao mesmo tempo. É funcional. É esse aspecto da morte, que gera vida, que gera dinheiro, que movimenta aquela cidade. Trata-se de algo cíclico. Isso foi pensado também.

Na “Apresentação” do livro, você ensina ao leitor que há uma tese na base desse romance, isto é, “expor como o caráter do ser humano pode ser moldado pelo trabalho que executa, como o meio intervém na construção das identidades e como essas identidades modificam o meio.”¹¹ Parece ser um romance um pouco naturalista, não é? Li na internet que se tratava de um revival naturalista.¹²

Sim. O naturalismo é um elemento da minha literatura.

Mas acho que é um naturalismo ainda mais radical em comparação com o naturalismo do século XIX.

Também acho.

Mas há também elementos desse naturalismo tradicional, por exemplo, o mundo dos obreiros, que está presente na sua obra e em Zola.

O *Germinal* é um livro que li para escrever a passagem do carvão, por causa da mina. Além disso, assisti à adaptação para o cinema, porque é visualmente também importante. Foi uma referência. Você lê um livro para escrever um capítulo, uma cena.

Não sei se se trata também de uma denúncia da reificação do homem, que entra como matéria-prima no sistema capitalista. Mas já não estou muito seguro, porque você acaba de dizer que, depois da morte, não há homem, não há humanidade.

É o que sobra. A sua humanidade existe ali, mas ao mesmo tempo, você já não reage mais. Você já não é mais nada. Você vira uma coisa. E é isso que a gente dá tanto valor. A gente dá tanto valor à roupa, cabelo. Tem gente que dá valor a tantas coisas idiotas e banais. Os dentes, né? Os

¹¹ Em *Carvão animal* (p. 7).

¹² Cf. o blog da autora, disponível em: <<http://anapaulamaiaescritora.blogspot.com.br>>, acesso em: 15 out. 2013.

dentes, é bom você cuidar, pois eles vão te garantir a identificação, dependendo da sua morte. A tudo isso que se dá tanto valor, de repente vai parar numa bandeja. Você imagina acordar, dormir, comer, estar aqui com o seu anel e a sua roupa, seu penteadinho e tal, mas, de repente estar uma bandeja, nu, completamente desvelado? Isso é uma coisa muito, muito pesada. Isso é real, isso acontece agora. Enquanto a gente está aqui, tem alguém que, ontem, estava vivo e morreu. Está agora numa bandeja ou indo para um caixão, um crematório ou forno. Esse negócio é muito louco.

Visitou um crematório?

Não pude visitar um crematório, não me deixaram. Só se eu tivesse um amigo ali dentro. Eu tenho que fazer amizade com esse povo. Mas já tenho um amigo matador de aluguel agora, posso pesquisar a vida dele. Então é assim, não me deixam ir, mas eu achei muito material de pesquisa. No Brasil, há crematórios modernos, outros mais simples. Então tive muito material dos próprios sites e muito material em vídeo, não do Brasil, mas da Europa e dos Estados Unidos. Assim, descobri tudo. Escolhi o meu forno, o tamanho que ele teria. Eu montei todo o meu crematório em detalhe. Foi quase um lego.

Quer dizer que você se documenta muito para escrever um romance?

Eu me documento muito. Guardo a pastinha. Abro um arquivo para um romance e realmente tem muito material lá dentro. Para escrever uma cena, às vezes, eu demoro muito, porque eu tenho que entender qual é o processo daquilo ali. Qual é o nome daquela manivela? Aí eu paro e vou descobrir o nome da manivela. Eu faço questão. Este livro [*Carvão animal*] foi revisado por um bombeiro de verdade. A parte de fogo mesmo, eu destaquei e mandei para ele, que revisou. Eu conheci esse rapaz e falei para ele, que ficou muito emocionado. Ele disse para mim que se sentiu muito honrado com esse livro sobre os bombeiros. Ele disse que ninguém se lembra deles. Lembra quando precisa, mas depois eles são completamente esquecidos. Isso, para mim, foi a melhor crítica literária sobre *Carvão animal*. É muito gostoso você escrever e ver que escreveu a verdade, não sobre ele, mas sobre a classe dele.

Gostaria, agora, de falar brevemente sobre A guerra dos bastardos. Você diria que se trata de um romance policial?

Parcialmente.

Não há nenhum detetive, por exemplo.

Era disso que eu ia falar. O detetive foi substituído pelo Edgar Wilson e o Pablo Sasaki, que são os criminosos.

E a polícia não tem um papel importante?

A polícia, quando não é corrupta, é idiota. Ela só tem essas duas possibilidades. Há o tenente Miranda, que é completamente idiota. A cabeça dele rola na rua, pelo calçadão, pela orla. Já os seus colegas são corruptos. Ou seja, a polícia é idiota ou corrupta, como sempre é nos meus livros.

Acho que A guerra dos bastardos difere muito do Carvão animal. É difícil dar-se conta de que foram escritos pela mesma autora.

Sim. São muito diferentes, porque é assim: a *Guerra* era um projeto literário particular, que eu escrevi antes. Quando eu escrevi o *Entre rinhás de cachorros e porcos abatidos*,¹³ eu achei o meu projeto literário. Na verdade, eu nunca mais vou escrever algo parecido com *A guerra dos bastardos*. Mas o meu próximo livro vai ter elementos da *Guerra*. Elementos estruturais.

Personagens também?

Não, nunca mais. Só os que já ficaram. O Edgar Wilson, por exemplo, outros não. A linguagem, o tom, o clima, a ambientação dos personagens é do *Entre rinhás* para a frente. Porque nele surgiu o trabalho dos outros, o *Carvão animal* e o *De gados e homens* agora. Então tem quatro histórias. São três livros, mas tem quatro histórias.

Há um aspecto da sua técnica literária em A guerra dos bastardos que me chama muito a atenção. É o narrador, o Dimitri. Trata-se de um

¹³ MAIA, Ana Paula (2009). *Entre rinhás de cachorros e porcos abatidos*. Rio de Janeiro: Record.

personagem que narra o que ocorre no romance, mas parece que ele sabe muito da gente, quase como um narrador onisciente tradicional. Conhece os seus pensamentos, as suas coisas íntimas. Isso não seria possível na realidade. Por que você optou por esse narrador peculiar?

O fato de o Dimitri ser um narrador em terceira pessoa e fora da história permite que ele se aproxime mais de mim. Quando ele é um narrador vivendo a história, ele não é onisciente. Então ele é mais Dimitri. Ele foi um personagem muito difícil de construir. Foi o personagem com o qual eu mais tive problema, pois não sabia como ele ia falar e como ia ser, até que, por fim, eu decidi assim. Talvez isso seja também uma relação que esse livro tem com o cinema. Por exemplo, tem uma passagem desse livro em que ele é visto de dois ângulos diferentes. Na mesma passagem, há a cena de atropelamento do Amadeu, você vê ela no primeiro momento e, lá na frente, você vê como ela foi provocada por um outro ângulo. Então existe essa brincadeira do olhar, da narrativa. Esse é um livro que começa nesse projeto bastante sensorial, aspecto que fui trabalhando cada vez mais. O *Entre rinchas* é um livro totalmente sensorial.

Sensorial, mas não sensual.

Não. Sensorial no seguinte sentido: “Eu estava lendo o seu livro e comendo um bife e parei de comer, não consegui mais comer carne um mês”. Quando um livro te afeta a esse ponto, é porque é bom. Alguma coisa mexeu com você. Isso é bom para mim como escritora.

Antes falamos do papel masculino numa relação lésbica. A Gina, a única mulher protagonista de A guerra dos bastardos, tem muitas características masculinas, inclusive como lutadora de boxe.

E o Amadeu é a mulher. Eu acho que o Amadeu é a mulher da relação e Gina é o homem. Você tem uma mulher que é boxeadora e um homem que é ator pornô. E o ator pornô homem ganha muito menos que a mulher. O homem é desvalorizado. O esforço que eles fazem para estarem sexualmente ativos é muito mais forte do que a mulher. Essa discussão existe no livro. Eu acho que o Amadeu é a mulher e a Gina é o homem. Sempre senti que tem uma inversão aí. Eu não criei realmente um laço afetivo com a Gina. Uma personagem de que eu gosto mais é a vizinha do Ernesto Wesley, Dona Zema. Ela morre muito feio na história [*Carvão animal*]. Mas eu gosto muito dela e da cadela, a Jocasta, que também é muito especial.

Mas não é um ser humano.

Não, mas é uma moça, uma menina. É a única mulher da casa. Ninguém manda nela. Ninguém manda mais do que ela na casa. É verdade.